

Quarta-feira, 6 de Agosto de 1958

RUBEM BRAGA

## CONJETURAS

NÃO tenho qualquer informação ou boato sobre as conversas do sr. Dulles com o sr. Juscelino, mas participo do receio comum de que haja uma nova ofensiva contra a Petrobrás. Meios de pressão é que não faltam ao Departamento de Estado; diante dele negociamos como um colono imprevidente diante de um fazendeiro poderoso.

Não fiz cerimônia em elogiar aqui o sr. Kubitschek quando ele traçou da maneira a mais feliz os novos rumos de nossa política externa. Todos sabem, entretanto, que é mais fácil traçar uma rota do que segui-la. A possível pressão do Departamento de Estado será secundada da maneira mais positiva por certos interesses poderosos, cujos representantes nacionais estão sempre rodeando o sr. Kubitschek, alguns deles com ares de conselheiros.

O exemplo argentino pode ser invocado. Ainda não temos elementos para saber exatamente o que fez o sr. Frondizi, mesmo porque parece que uma grande parte dos negócios anunciados ainda não foram efetivados. De toda maneira é preciso deixar claro que, apesar de toda a inteligência e visão do sr. Frondizi, ele não é, nem pretende ser, mentor da política brasileira. Nosso problema de petróleo é muito diferente do seu. Adotamos aqui, com muito atraso, uma política — a da Petrobrás — que tem produzido resultados realmente fabulosos. As metas (usemos esta palavra para agradar ao Catete) da Petrobrás têm sido cumpridas e superadas. Por que, então, mudar de política?

Esperemos que o sr. Kubitschek aja com firmeza na única linha que consulta os nossos interesses: o Brasil agradecerá imensamente a cooperação americana no terreno do petróleo, como até hoje agradece a que recebeu dos Estados Unidos no campo da siderurgia, mas não aceitará a entrega, clara ou disfarçada, de mais esse setor de nossa produção energética à voragem dos trustes. Os interesses desses trustes não são apenas diferentes dos nossos: são frontalmente contrários. Se o governo americano quiser passar por cima deles para nos estender a mão, ótimo. Mas se persistir, como tantas vezes no passado, a pôr a seu serviço a sua diplomacia, então não há negócio a fazer nesse terreno. Seria sempre um mau negócio, inclusive para a estabilidade desse governo e desse regime.